



QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato
da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

A O Ex.º Chefe da Esquadra de Polícia da Ajuda, recomendamos o seguinte caso, que nos acabou de expôr e que deixamos ao bom critério desta autoridade, para que o aprecie devidamente:

Ontem, uma criança de pouca idade, filha dum bombeiro municipal que tem mais dez filhos, quando se dirigia a fazer um recado, espetou um vidro num dos pés, ocasionando-lhe um profundo ferimento, donde jorrava abundante sangue. Acompanhado de sua mãe, dirigiu-se ao Hospital Militar de Belém, onde lhe foi comunicado que em virtude d'este estabelecimento não ter ampolas de soro anti tetânico, seria conveniente dirigir-se urgentemente ao Hospital de S. José.

Preparava-se para tal fazer, quando o cívico que a acompanhava, lhe comunicou que estava atuada, visto que o pequeno se encontrava descalço, e portanto, tinha que pagar a multa de 67\$00 escudos.

Succede que esta pobre mulher, chorosa, por ver o seu estremecido filho naquele estado, e também pelas suas poucas posses, implorou do guarda, tentou falar-lhe ao coração, fazendo-lhe ver a tortura que lhe ia na alma, porque não tinha essa importância, pois momentos antes, lhe haviam dito que a injeção de que seu filho carecia, custava 11\$00 escudos, e também não dispunha de tal quantia.

O guarda, a nada atendeu e como nêsse momento se encontrassem no Hospital Militar, mais dois petizes, um d'elles também carecendo de injeção, resolveu dirigir-se com elles a S. José, deixando sem socorro o outro pequeno, pela razão de se encontrar descalço.

A mãe, aflitissima, corre a casa, e calça uns chinelos ao filho, encaminhando-se então ao Hospital de S. José.

Que funestas consequências podiam advir d'este excessivo escrupulo do guarda?

E' em nome da solidariedade humana, que nos dirigimos ao Chefe da Esquadra respectiva, que sabemos ser um exemplar agente da autoridade, mas que sabe sentir as dores alheias.

Sabemos que as leis se fazem para serem cumpridas. Mas num caso destes, até o próprio legislador, se compadecia.

A Ajuda necessita um mercado

Chegou o momento em que a população da Ajuda está mais interessada do que nunca, numa das suas legítimas pretensões. A freguesia não pode continuar a viver sem um mercado próprio, visto que os mais próximos, se encontram em Alcântara e Belém e portanto, muito afastados, obrigando as donas de casa, a grandes caminhadas, ainda com a agravante dos carregos e muitas vezes, sujeitas ás intempéries.

Há muitos anos, que tal melhoramento se reclama, mas nunca a voz d'este bom povo foi ouvida. Nunca se lhes ligou importância e no entanto, fazem também parte de Lisboa...

Temos agora, uma ótima oportunidade. Como é do domínio público, foram construídas no Bairro Económico, com frente para a Travessa da Boa-Hora, dezessete estabelecimentos, que segundo bons informes, se destinavam a substituir o mercado, pois ali se venderiam todos os géneros que naquele se encontram.

Porém, chegam-nos informações, de que se procura obstar a que seja dado tal destino a êsses estabelecimentos. ¿Será isto verdadeiro? A que poderá obedecer êsse obstruccionismo? Não compreendemos.

Se os entraves que se procuram pôr, para que o objectivo não seja alcançado, é pela razão do prejuizo que tal facto ocasiona a outros mercados, a população da Ajuda é que não pode estar á mercê dos interesses d'este ou daquele.

Necessita apenas de se abastecer dos géneros indispensáveis á vida e desde que os tenha mais próximo das suas moradias, tanto melhor. O resto, não lhes interessa. Desde que paga o que consome, procura as maiores comodidades.

Isto não é crime, é um direito que lhes assiste.

Estamos certos que a Câmara Municipal de Lisboa, certamente atenderá o nosso pedido, porque êle representa não só um grande melhoramento para a população, como até uma fonte de receita para o municipio, que cobrará os impostos respectivos.

Prometemos aos nossos presados leitores, não abandonarmos êste importante assunto, enquanto não verificarmos que justiça nos é feita.

NO dia 24 de Junho p. p., realizou-se na Conservatória do Registo Civil, em Alcântara, o casamento de D. Ilda Azevedo Andrade, filha do nosso presado amigo sr. António Joaquim Andrade, chefe aposentado da P. S. P., e de D. Maria Augusta Azevedo Andrade, com o sr. Raúl Pereira da Costa, sendo padrinhos, o sr. Taciano Araújo Zuzarte e sua esposa, D. Silvina Fernandes Araújo Zuzarte e os pais da noiva.

Aos noivos, deseja «O Comércio da Ajuda» as maiores venturas.

E' COM o maior prazer que publicamos no presente número, um interessante artigo do Ex.º Sr. Mário de Sampaio Ribeiro, que, com os seus elevados dotes de primoroso estilista e distinto compositor musical, honra a freguesia da Ajuda, onde nasceu, e o nome de seu pai, o nosso amigo e distinto professor da escola n.º 19, Ex.º Sr. Basílio Joaquim Ribeiro Júnior.

TEMOS recebido inúmera correspondência, aplaudindo a atitude do nosso prezado colaborador Carlos de Sousa, com a publicação do seu artigo, publicado no nosso último número, sobre o Jardim Botânico.

NÃO passa um único dia, em que não seja recusado internamento nos hospitais aos doentes que dêle urgentemente carecem.

Os encarregados da aceitação só sabem dizer: «Não há camas, tenham paciência!»

E nos sanatórios, o mesmo pavor!

Raro é o dia, em que a grande imprensa não aborda êste assunto, que requereria providências immediatas.

HOJE e amanhã, volta a representar-se no Belém Club, a interessante revista em dois actos, «Belém em Camisa», que tanto successo alcançou.

A Favorita da Ajuda

DE

ANTONIO DIAS

147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA

Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros

Vinhos recebidos directamente de Arruda

LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS

RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR

TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

PELO BEM DA AJUDAEx.^{mo} Sr.

Obrigado me confesso pela amabilidade com que V. acolheu o inicio da minha colaboração e pela honra que V. me deu anunciando-a tam benevolmente, dispensando-me palavras que de todo desmereço. Se algo ha neste caso em mim que possa gabar-se é o amor que tenho a este belo sitio e a vontade de o bem servir aliada á impressão que sempre me causa ver pôr em perigo uma obra d'arte e de utilidade, ainda mesmo quando isso se faça na melhor das intenções.

O meu grito patriótico, tenho a certeza, será ouvido por quantos, como eu, amem verdadeiramente o nosso lindo bairro, e quantos dêsses «mais de 2.000» assinantes da petição cairão em si e verão o novo perigo que iam trazer á Ajuda, já tão flagelada; pois que não são só os «Pinheiros» com os seus tuberculosos que constituem *zona perigosa*, mas sim também o Cemitério, o Sanatório, o talweg do Rio Seco, os inumeros patios, a falta de água, a de esgotos, etc.

Mas vamos á promessa da minha carta anterior.

Possue a Ajuda um edificio magnifico, embora inacabado e que, já agora, para sempre ficará por concluir, conforme a traça primitiva. A' roda tem êsse palácio, que é historico e foi moradia de alguns reis portugueses, suficiente terreno para se estabelecer um formoso jardim, aproveitando-se, para mais rápida realisação, a idea das próximas obras tendentes a rematar a parte occidental do monumento e fechar a ala norte.

Assim, pois, deitando-se abaixo construções de pouca monta, e respeitando-se outras (problema a estudar deveras interessante) teriamos uma quadra magnifica a começar na Calçada do Mirante e a terminar na Rua da Bica do Marquês para se gizir um formosissimo e amplo jardim de recreio, interceptado, em frente do

II

Os cumprimentos do Autor — Grito com eco. — O prometido. — Traçam-se os delineamentos dum novo jardim. — Em roda do mais belo edificio do Bairro. — Aformoseamento e valorisação. — O ambito do novo jardim. — As suas várias secções. — Uma parte do jardim com belos prédios novos. — Vamos pouco a pouco. — Alguns traços para principiar. — Pouco dispendio. — Rapidez. — A nova cidade e a sua extensão. — Embelezamento, hygiene e civilização. — Agua, muita agua. — Um elemento de cultura. — Qual seja ele... se dirá no próximo número.

Palacio, pela Avenida que lá está esboçada, continuando pela «Alameda dos Pinheiros», descendo em declive pelas hortas e lavadouros primitivos até á Rua da Bica do Marquês, espraçando-se pelo largo em frente do quartel da Guarda Republicana, avançando pelo terreno das casas demolidas do correio e restante parte da-quele quartel, assenhoreando-se do terreno livre entre as trazeiras do Palácio e os Quartéis de Cavalaria da Guarda e Telegrafistas, galgando emfim as ruinas horriveis da Travessa dos Galegos. Que bairro ou sitio de Lisboa terá dentro de si maior e mais apropriada extensão para nela desenhar um formoso jardim recreativo e salubre, valorizando com êle ao mesmo tempo um grandioso Palácio e terrenos como os das trazeiras dos prédios da Calçada da Ajuda e da Rua de D. Vasco, onde possivelmente ficaria espaço para a Camara vender ótimos talhões, em que particulares construiriam lindos prédios, intensificando-se por esta forma a vida e a riqueza da Ajuda?

Como êste plano traria necessariamente a demolição do angulo sudoeste do Palácio e alinhamento dêste na parte occidental e a ligação dos corpos sul e norte por um corpo assente nos três arcos que lá se veem (projecto

ha muito estudado e que creio se tornará um facto em breve futuro) poderia pensar-se desde já na formação dum primeiro troço de jardim, exactamente nos terrenos que do Palácio vão ao Quartel de Cavalaria da Guarda e no da Travessa dos Galegos, cuja demolição de muros velhos seria obra bem facil. Utilizar-se-ia assim de começo belo arvoredado, condição primeira para um jardim público.

Onde fôsse possível ir-se-iam dispondo plátanos e outras árvores de rápido crescimento. Não seria difficil terraplanar-se e ajardinar-se logo após o largo fronteiro ao Quartel da Guarda e estabelecer a ligação das duas partes ajardinadas pela demolição daquelle horrivel «Passadiço» e seu prolongamento, rectificando-se duma vez a linha electrica, tão defeituosa naquelle ponto. O entulho serviria para formar o suave declive da parte do jardim que da «Alameda dos Pinheiros» desceria pela Horta dos Gasparez até á Rua da Bica, e um novo troço de jardim se poderia ainda fazer em alguns meses na parte norte da Alameda, encostada á fachada sul do Palacio, cuja serie de nichos tanto se prestaria ao embelezamento dessa parte do novo jardim, abrigadissima dos ventos pela altura do edificio, com ótima vista sobre o Tejo, bela luz do sol e absolutamente própria para repouso de doentes, desde que fôsse dotada com commodos bancos e bem ajardinada.

Não nos parece difficil de realisação êste problema, tanto mais que se aliará á boa vontade do Ministério das Finanças a da Camara Municipal.

Creio não ser segredo para ninguém o gosto do actual Governo em fazer desaparecer de vez o aspecto ruinoso do Palácio e é de todos sabido que a Camara pensa seriamente no desenvolvimento da capital, exactamente para êstes lados, passando pelo Vale de Alcantara, Ajuda e seguindo numa larga zona interior, paralela ao

Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia * Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE B. 207

PEROLA DA AJUDA

DE

JOSÉ JULIO BORDALO

Mercearia, vinhos de pasto, vinhos finos e licôres
Carnes fumadas e queijo da Serra recebidos directamente
CAFÉ MOÍDO Á VISTA DO FREGUEZ
Louças de esmalte e vidros * Artigos próprios para brindes

T. da Madresilva, 10 e 10-A — R. das Mercês, 121

Tejo e á que se estendeu, ribeirinha, até Cascais, ora chamada «Costa do Sol».

Dotado assim o Bairro com um formosissimo jardim rodeando o mais belo palacio nacional de Lisboa, possuindo em si a magnifica Tapada da Ajuda e nos seus flancos o Jardim de Santo Amaro, o Colonial e o de Belém, não nos parece que tenha necessidade de ir desviar das funções que desempenha o pequeno «Jardim Botânico», que é mais um museu vivo de Botânica que um jardim e desempenha uma alta função civilizadora.

Aí tem, Senhor Director, nas palavras acima uma idea que julgo absolutamente inédita, que me parece a um tempo grandiosa e de facilissima realisação, tendente a beneficiar a existencia dos moradores deste Bairro, mostrando aos visitantes uma Ajuda civilisada, em absoluto contraste com o que por aí se vê de muros velhos, ervas daninhas crescendo á vontade, árvores crimosamente partidas, hortas e casebres de latas velhas.

Poderia objectar-me alguém que para o «meu» jardim faltaria a água. Também julgo poder resolver a questão. Para daqui a algum tempo a Companhia tem que no-la dar; mas até então parece-me que as partes terminadas do jardim poderiam ser regadas com a agua que, faltando agora cá nos altos, vai fornecendo os quarteis (em cuja area ha já agua da Companhia) e o Palacio de Belem (que não é da freguesia)!

Além disto, consta-me á ultima hora que o quartel da Guarda Re-

publicana a cavalo possui numa casa subterrânea um poço com imensa agua, de que fica por aproveitar a maior parte. Ora decerto essa unidade dispensaria essa agua para um fim tão útil.

Parece-me pois que as assinaturas recolhidas pelo jornal que V. tão brilhantemente dirige teriam mais mérito se, longe de insistirem numa campanha que nada representa, cobrissem algumas folhas em que se pedisse á Canara sancionasse este projecto e o começasse pondo em prática sem mais delongas.

E creia V. que com a maior consideração me subscrevo

De V. etc.

Frederico Gavazzo Perry Vidal.

N. R. — Do Ex.^{mo} Sr. Dr. Perry Vidal, recebemos uma carta, comunicando-nos que o surpreendeu o artigo da autoria do nosso querido amigo e dedicado anunciante, Ex.^{mo} Sr. Carlos de Sousa, pois diz S. Ex.^a que o articulista não esperou pela conclusão do seu trabalho, para depois lhe opôr o que entendesse.

Porque achamos que o assunto em causa, está muito bem entregue aos dois colaboradores, não nos pronunciamos, mas por lealdade, devemos comunicar, que é nossa intenção não desistir do compromisso que tomámos para com os leitores do nosso jornal, para que seja um facto a reabertura do Jardim Botânico.

**Este número foi visado
pela Comissão de Censura**

Ao de leve...

FALTA DE "PINGA"

Realizou-se num dos dias da semana passada, em Coimbra, o jôgo de desempate da segunda mão das meias finais do campeonato nacional de football, entre o Sporting, de Lisboa, e o F. C. Porto, o que levou os jornais de grande informação a estabelecer um serviço especial de reportagem, montando em diversos pontos da cidade potentes difusores de telefonia.

Assisti a um desses relatos, no Rossio, onde se comprimia enorme e entusiástica multidão, seguindo emocionada o desenrolar (?) do jôgo raiquejado pelo vozeirão potente do alto-falante, que dava a impressão duma vaca berrando dentro duma campânula. Ia o aparelho, colocado á altura num dos prédios laterais dessa praça, relatando uma por uma as diversas jogadas, as «faltas» cometidas, as penalidades impostas, etc. A certa altura, anunciando qualquer penalidade marcada contra o Porto, por falta cometida pelo seu interior esquerdo, o alto-falante deixa cair, numa voz grave e rouqueira, pausadamente, estas palavras: — «Numa avançada do Porto o arbitro interrompe o jôgo por falta de Pinga...»

Um velhote que a meu lado seguia atento o desenvolver do jôgo mas que percebia talvez de foot-ball tanto como eu de grego ou latim, volta-se lesto e diz-me, nos olhos a brilhar-lhe um olhar malicioso:

— «O melhor era terem-se prevenido com um casco...»

Af. Aço.

A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE

FRANCISCO C. PINHEIRO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO

Jogo da Laranjinha, em corticite, com bolas de borracha

RETIRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

GERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas

Canalisações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117

R. da Junqueira, 293-B a 293-D

Calçada da Tapada, 47 a 53

Calçada da Ajuda, 212 a 216

Calçada da Ajuda, 154 a 156

Largo 20 de Abril (Calvário), 1

Instalações electricas a Prestações - Executa

AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.^{as} Reunidas Gaz e Electricidad
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552
onde serão atendidos com a máxima urgência.

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las nos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga mercearia Malheiros)

que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazel uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

Por volta das dez e meia da manhã do dia 2 de Maio de 1784, os sinos da paróquia de Nossa Senhora da Ajuda, extra-muros de Lisboa, entraram de repicar festivos.

O estrelar de foguetes mais veio despertar a atenção dos habitantes, de todo entregues a seu labor afadigado.

A essa hora ia grande azáfama pelas cosinhas: jantava-se patriarcalmente ao meio dia.

E a prova que a principal refeição cotidiana seria servida com pontualidade britânica era de ver, pois não havia chaminé de que não saísse coluna de fumo, ascendendo, a direito, na atmosfera prematuramente canicular.

... E o repique continuava cada vez mais doido, cada vez mais frenético, levando a boa nova de haver mais uma alma cristã aos quatro pontos cardiais: para as bandas da Junqueira e dos Algarves; para Alcolena e, por ali abaixo, ao sitio do Correio Mór, ou mesmo até Pedroços, cuja casaria alvejava emoldurada pelo frondoso arvoredo de várias quintas; para os sitios do Almotive e Santo Amaro, com ressonâncias caprichosas no val-

pedregoso do Rio Seco; reboando de quebrada em quebrada da Serra de Monsanto até mal se distinguir.

De tamanha bimbahada deduzia-se

sando antecipadamente as cabriolas o proezas de agilidade que irá desenvolver para agarrar os confeitos e alguns cobres miudos que adreguem de vir á mistura.

Todo este alarido é só por via das canas dos foguetes! Até a senhora D. Izabel, tia do Sr. padre Galhardo, reitor da freguesia, que é surda que nem porta, assomou á janela a ver se o mundo estava para acabar!

Lá vem agora o cortejo a sair da igreja. Será melhor dar ouvidos aos circunstantes a ver se se consegue saber de quem se trata.

— Olhe, tia Domingas: é o menino do juiz de fora de Cascais — dizia o criado d. Sr. Carlos Príncipe, que morava pertinho da igreja e deu o nome á rua onde, de anos a esta parte, está a esquadra da Polícia.

É certo que a rua tem hoje o nome de outra pessoa (que talvez nunca lá tenha passado), mas chamou-se de Carlos Príncipe pelo menos até pouco depois da proclamação da República. Mudaram-lhe o nome porque julgaram que a designação toponímica cheirava a sangue real... Felizmente, porém, não havia motivo para sustos: tra-

que o padrinho esportulara coisa que se via, porque, em caso contrário, o Gonçalo sineiro não poria tanto afan em demonstrar sua invejável técnica — capaz de pôr os badalos a sanvitar que nem demónios.

Queriam aquilo dizer que houvera baptizado na freguesia e que, no momento em que estamos, o rapazio da rua dos Tanques e do Cruzeiro, do sitio da Ajuda, das casas do Seabra e da Calçada — pelo menos do pátio da Guarda para riba — já deve estar congregado ante a porta da igreja para apanhar os confeitos da praxe.

Vamos ver também, pois aqui, do pátio da Secretária, lá é um pulo. Meu dito, meu feito. Como calculava cá está a garotada descalça, suja, de calções remendados (a pontos do ser enigma impenetrável saber-se do tecido inicial), de cabeça perdida, go-

a educação esmerada que mais tarde me proporcionaria ocasião de aspirar a um bom casamento. De facto havia tempo que meu pae, na sua ambição de crear-me uma situação brilhante, instava por que eu aceitasse a corte de um seu visinho, rico também, mas homem já de idade avançada e por quem eu não nutria a menor simpatia. Rejeitei sempre tal proposta, que repugnava á minha consciencia, e nisso conpe-

sistiu talvez o meu maior erro. A inexperiencia da vida, porém, não me deixava ver ainda que no meio da nossa sociedade corrompida, só o vil interesse deve ser o factor principal dos nossos actos.

Depois, como que evocando uma recordação penosa, a pobre mulher continuou: — Foi então que um homem que havia alguns anos se tinha estabelecido na nossa terra, começou a requisitar a occultas de meu pai. Era novo, interessante, e não bem soube insinuar-se no meu espirito, que me deixei seduzir pelas suas palavras, e amei-o... amei-o, meus senhores, quanto hoje o odeio e desprezo. Meu pai descobriu esta inclinação, e censurou-me asperamente, por eu recusar o bom partido que me era oferecido, escolhendo em troca um homem de caracter duvidoso, dizia ele, que levando vida perdulária, em breve perderia o credito e arruinaria os seus negócios. Eu, porém, estava cega, e ainda mais uma vez reneguei os bons conselhos de meu pai. De facto, dentro de pouco tempo, aquele que o meu coração escolhera declarava-se falido e uma noite... noite fatal que marca o inicio da minha desgraça... apresentava-se-me ele, com o olhar desvaído, as lagrimas a correrem-lhe pelas faces, a dizer-me: «Minha querida, meu amor, a situação em que me collocaram é desesperada. Eu não posso continuar a viver nesta terra vexado e humilhado a cada hora pelos meus credores. E'

preciso que parta imediatamente para Lisboa, onde me restam alguns bens. Mas isso seria perder-te para sempre, isso seria ainda desgraça maior do que aquella que já me atormenta. Tu pai aproveitará o ensejo para te casar e eu não resistirei a sa prova. Portanto, ou me acompanhas dando-me no teu amor o esquecimento das durezas da sorte, ou me mto aqui a tens pés, para que ao menos possa ainda naupremo instante sentir-me iluminado pelo teu olhar benido. Antes a morte, do que o horror de ver-te um dia os braços de outro. Nesse momento não sei o que sen. Esqueci tudo, tudo, para só ver aquele que eu adorava, tomado dum feroz desespero, implorando-me que o dvasse. O que lhe disse, o que fiz, não poderia descrever. O que sei é que no dia seguinte estavam ambos n Lisboa, instalados num quarto mesquinho de hotel bruto.

A pobresinha interrompeu-se para enxugar as lagrimas que insistentemente lhe marçjavam os olhos e proseguiu: — Ao fim de seis menses uma vida cheia de dificuldades, o meu amante começava a sentir-se enfadado da minha companhia, e a recuar em novos amores, alguns bem escandalosos, não o esquecimento das suas desditas, mas até os meios o viver. Um dia em que eu lhe verberava o incorreto procedimento, bateu-me brutaemente, e dois dias depois abandonava-me de todo, deixando-me sem recursos, atreque ao mais pungente desespero. Quando o procurei repeliu-me, intimando-me a nunca mais o importunar em os meus rogos. Começei então para mim uma vida demartirios e de privações, e tanto mais dolorosa quanto mais eu me convencia de que dentro de alguns meses dario o mundo o fruto daquella crime, com que havia manchado o nome de meu pae!

— E o que fez então? — perguntou o cabo agora já um tanto interessado na historia da pobre rapariga. — Procurei uma casa onde me aceitassem como criada, mas os sinais evidentes do estado em que me encontrava e o facto de não poder oferecer garantias da

minha conduta, faziam com que em toda a parte onde me apresentava me não quizessem receber. Apenas conseguia empregar-me aos dias, em trabalhos a que não estava habituada e que em pouco tempo me esgotaram as forças e atrofiaram a saúde. Tive de recolher ao hospital e ali estive até que dei á luz esta creança, anjo innocente que nenhuma culpa tinha do desvario, mas que ainda mais difficil vinha tornar a minha situação miseravel.

— E não recorreu a seu pai? — Recorri. Mas o desgraçado, a quem a minha fuga lançara no mais feroz desespero, só maldições soube enviar-me em resposta ás duas cartas que lhe dirigi.

— Mas nesse caso podia... — Podia — atalhou a desgraçada num calor desvaído — podia atirar ao monturo com a prova do meu crime ou da minha inconsciencia. Mas a sociedade que não tinha forças para pedir estritas contas ao miseravel que me havia seduzido e arrastado áquele excesso, condenar-me-ia sem remissão pela hediondez do meu proceder. Não, mil vezes não! Esta creança é minha filha, é o fruto do meu crime, mas, é também a filha do meu amor. Preferi esta vida de miséria e de vergonha á ignominia de abandonar-a descoroadamente. Quando eu a condenasse á morte, morreria também com ela.

E beijando nas faces a inocentinha que sustinha nos braços, continuou: — Restava-me um único recurso: vender-me a quem mais desse pelos restos da minha beleza. Mas esse recurso não quiz eu nunca aceitá-lo. Recusei sempre as propostas infamantes dos miseráveis que de noite vagueiam pelas ruas, propostas que me faziam corar de vergonha e que enchiam de desolação e de angustia o meu coração torturado. Eu não tenho leite para alimentar a pobresinha, mas nunca ela terá de envergonhar-se de ser filha de uma mulher prostituida! — E agora o que tencionas fazer? — perguntou o cabo, sinceramente comovido pela angustiosa narração daquella victima da desgraça.

Farmacia

SOUSA

C. da Ajuda, 170

Telefones 329

Consultas
médicas
diárias

Serviço
nocturno ás
quintafeiras

A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.^{DA}

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Travessa de Paulo Martins, 18

AJUDA — LISBOA

TELEFONE BELEM 517



Encadernações simples e de luxo, taes como: livros á antiga, amador e escripturação comercial

Copiadores, caixas e pastas para arquivo.

Armam-se pastas de fantasia e bordadas

Envernizam-se mapas

tava-se apenas do filho legitimo do matrimonio do músico Octávio Maria Príncipe e de Joana Príncipe, ambos italianos...

A tia Domingas Maria, que também morava no sitio da Ajuda, mesmo ao lado do barbeiro José Lopes, era tida por pessoa de siso e gosava de boa reputação. Era, além do mais, sogra de um soldado e isso dava-lhe certo prestigio. Sempre tinha uma autoridade debaixo do mesmo teto...

— Antão é porque o *enjinho* medrou, — respondeu ela. O Rosendo (era um aguadeiro que morava na calçada), aqui há uns quinze dias contou-me que lá em casa tinham ido a correr chamar o Sr. Frei António *sanctistão* (do visinho convento de Nossa Senhora da Boa-Hora e Santa Rita de Belém), ás do cunhado, *pra ir baltezar* o menino *in antigo morres* — coisa por que a boa da velha queria dizer «in articulo mortis».

— Mas, então, se o menino já estava baptizado, para que servem tantos repiques?

— Antão vocemecê *nam* vê que ainda *nam le* tinham botado os santos oleos? O Sr. padre João...

Precisamente neste ponto, quando a boa da tia Domingas ia iniciar elucidativa parlenda, dois garotos, para agarrar um confeito que rolára até

ali, ferraram-lhe encontrão de respeito que teve artes de desencadear as iras da velhota.

— Oh desalmados! Estais cegos, grandes tinhosos! Santo Nome de Jesus! Parece que têm azougue, os malditos! Cruzes, canhoto!...

Deixêmo-la entregue á tarefa de desfiar o longo rosário de suas imprecacões contra o rapazio, delirante com a apanha dos conf-itos e rebuçados de ovos que o padrinho lhes joga ás mancheias, e vamo-nos embora porque a comadre, transportando o montão de rendas que envolve o neófito, já sobe para a sege que a ha-de levar a casa. Vai radiante, com a certeza antecipada de que a espera succulento jantar, a que não faltará gordá e olorosa canja, apurada e tentadora cabidela e aparatosa e doirada travessa de arroz doce em que mão experimentada debuxou a canela fina o nome do infantezinho — Simão.

... E os poucos sinos do campanário lá seguem no repique endiabrado a que os sujeita a pericia do Gonçalo... Muito poder tem uma de dōze!...

O juiz de fora de Cascais, de quem falámos, era o Dr. Domingos José Correia Botelho de Mesquita e Menezes. Tinha fama de tardo, era exímio flautista e, apesar de feio como os

trovões, lograra conquistar o coração de uma das mais formosas damas do Paço — D. Rita Teresa Margarida Preciosa da Veiga Caldeirão Castelo Branco — com quem se recebera, por palavras de presente, em legitimo matrimonio, em 1779, nesta mesma paróquia.

Moravam os conjuges na Calçada da Ajuda, paredes meias com o respeitável reposteiro pação, Sr. Paulo Martins, cujo nome, graças a Deus, ainda perdura na esquina de uma travessa.

Tamanha sorte não teve o tendeiro José Carneiro, cujo implicativo apellido fez engulhos não sei a quem — donde a substituição pela inexpressiva e deslocada «Verbena» que lá vemos hoje. Igual destino teve também certa Faustina que morava á rua das Mercês.

O pequeno Simão, cuja entrada na cristandade foi tão estrondosamente festejada, como vimos, foi o quarto rebento nascido de tão preclaro consórcio.

O «Doutor Brocas» — alcunha por que era conhecido o juiz de fora de Cascais — era natural de Vila Real de Trás-os-Montes e, pouco depois do nascimento de Simão, foi para lá transferido, com grande aprazimento seu. Mais tarde foi para Lamego e, passa-

(Conclui na pag. 7)

ALGUNS momentos depois a misera devorava com extraordinária avidéz a comida que o policia lhe trouxera da taberna, e recuperava assim algum animo, desfazendo-se em agradecimentos pela esmola que acabavam de fazer-lhe, ao mesmo tempo que aconchegava a si a pobre creancinha, que nuns surdos vagidos dava mostras de que compartilhava da fome da infeliz mãe.

O cabo julgou então oportuno continuar o seu interrogatório.

— Então diga-me cá, porque é que, sendo uma mulher nova, prefere ao trabalho essa vida de mendiga, que...

— En lhe digo — atalhou ela. Em poucas palavras lhe contarei a minha historia, que é a historia de quantas desgraçadas, esquecidas do que devem á dignidade e á honra, se deixam arrastar pelas promessas mentidas dum homem a quem entregam o seu amor e a sua confiança. Sou filha dum rico proprietário do Alentejo. Meu pai pereceu-me sempre de carinhos e de cuidados, dando-me

CALVÁRIO

Por ALFREDO GAMEIRO

(CONCLUSÃO)

Nova Padaria Taboense

DE

ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas

R. das Mercês, 118 a 128 — SUCURSAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz
AJUDA — LISBOA

Favorita Ajudense

DE

J. J. CAETANO

Completo sortido de Fanqueiro, Retrozeiro, Rouparia e Gravataria
Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINCHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

A "final" do Campeonato Nacional de Football

visita por "um belenense faccioso"

—«Não vou, não vou, não me interessa! Ainda se fôsse com o Porto! .. A êsses é que eu queria que «a rapaziada» tirasse as «peneiras»! Até já tinha a camionete falada para ir a Tomar!» Isto dizia eu ainda poucas horas antes do jôgo .. mas fui. Eu podia lá faltar!..

Tenho um compadre que só gosta de «touros». Também foi. A' entrada para o peão, distraído, perguntou-me se era por ali que entrava «o gado».

O aspecto do campo, á cunha, era imponente, grandioso! Nunca vi coisa igual! O meu compadre também não. Começava a converter-se..

Entram as equipas em campo. Saúdam e são calorosamente ovacionados. Nos de Belém nota-se a falta do grande Augusto Silva. E' o diabo. .

O jôgo começa. Os «leões» entram com «entradas de leão». Os «azuis» veem-se mais azuis e eu procuro o meu coração e não o encontro...

Os leões insistem. Morais está mais nervoso do que eu. Parece pregado ao terreno. Deixa cruzar o jôgo ás portas da baliza. O caso está serio!

Ha um bom remate dos leões. A bola bate na trave. Morais agarra-a, mas a «brasa» está quente e êle larga-a. Vejo cabelos em pé. Ao meu lado, dá uma síncope num belenense mais faccioso do que eu. Mas o perigo passa.

Agora é a rapaziada que avança, «mexendo-lhe» como só êla sabe. A borracha não entra por milagre. Torno a encontrar o meu coração.

Os leões avançam pela direita, como feras. Parte o centro. Morais mais uma vez deixa cruzar. Surge o Valadas, só, em frente das redes. Fecho os olhos. Quando os abri, a bola estava fóra. Alguém me explicou que o Valadas faltàra porque, distraído, calçara as luvas em vez das botas..

Os grupos jogam a medo. Ha falhanços de parte a parte. Eu quero ver, mas, como o chão está coberto de palha, escorregam-me os pés e não posso.

Mais uma avançada dos leões. Mourão centra. Morais hesita. Mendes remata. Também desta vez fechei os olhos, mas quando os abri a bola estava dentro, e enquanto a claqué leonina delirava, o meu coração poz-se a chorar sentado numa pedra.

Segunda parte. Talvez as coisas agora mudem de figura. O Belenenses é o «team» das grandes ocasiões, e, na cabine, combinou o «jôgo secreto».

O jôgo recomeça. A «rapaziada» entra a jogar e a bola só se chega para os azuis. Os partidários do Belenenses animam os seus, e o goal do empate não se faz esperar. Desta vez abri bem os olhos e o meu coração já ri.

A rapaziada continúa «a jogar». Todos se esforçam. Rodrigues Alves é uma sur-

preza! E comandam o jôgo. E dominam nitidamente. E marcam novo goal. O goal da vitoria! Um delirio! Ha palmas, gargalhadas, pulos, abraços, piruetas, bandeiras e lenços no ar, e até lágrimas! Que grandioso espectáculo. .

Mas os leões estendem de novo as garras e tornam-se ameaçadores. O domador azul, porém, impõe-lhes respeito, e êles cedem. Deixam-se dominar.

A consolidação do triunfo não se faz esperar. Numa grande avançada, em que só os azuis «mexeram nela», a bola é entãta novamente nas balizas dos leões! A ovação é indescriptivel! O delírio atinge o auge, e o campo dá a impressão da cerca monumental de um grande hospital de doidos, tais os dispartes cometidos. Até o «Micavô» me cafu nos braços!

O jôgo foi energico e correcto. Porém, os «ossos» jogaram mais. No entanto, os leões pregaram-me, de entrada, um grande susto. Pudera!... Entradas de leão!...

E o que me dizem ao «gesto» do velhote Joaquim d'Almeida oferecendo a sua medalha a Augusto Silva? Simpático e digno, não acham? O desporto, bem compreendido, é assim...

Depois do jôgo, o meu compadre dizia-me. «Final, aquilo é bonito, mas é pena durar tão pouco tempo». Queria mais, o maroto. E não gostava. O que seria se gostasse...

S. C.

TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO
Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes
Fornecedor de materiais de construção
TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábricas de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA
TELEFONE BELEM 56

ANTONIO DUARTE RESINA
154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCERIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de gêneros alimenticios de primeira qualidade, a preços razoaveis

Manoel António Rodrigues
COM
VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

ABEL DINIZ D'ABREU, L. DA



PADARIA

Fornece pão aos domicílios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: T. da Verbena, 14 e 16
TELEFONE BELEM 520

CONSTRUTOR CIVIL

Inscrito na Camara Municipal de Lisboa

PROJECTOS E ORÇAMENTOS

Rua da Bica do Marquez, 5 — LISBOA

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico - JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA - Todos os dias ás 17 horas
PEDRO DE FARIA - Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA - 4^{as} feiras ás 9 h.

FRANCISCO SEIA - Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno às terças-feiras

Calçada da Ajuda, 222 - LISBOA - Telefone B. 456

José António Rebelo de Avelar

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Madeiras nacionais e estrangeiras. — Ferro novo e usado. — Ferragens. — Máquinas agrícolas e industriais — Tubos de ferro fundido e laminado — Ferragens para construção e marcenaria. — Oleos, gazolina, lixa, etc.

Armazem: C. do Galvão, 127 — Telef. B. 83

MERCEARIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade.

DE João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97 — LISBOA

Nesta casa também se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Mafra)

Um Ajudense Imortalizado

(Continuado da página 5)

dos anos, veio a ser corregedor em Viseu.

Simão, já um homemzinho, estudava humanidades em Coimbra e dava mostras de temperamento sanguíneo e arrebatado.

Apaixonou-se por uma visinha — linda como os amores e filha do maior inimigo de seu pai — e foi ternamente correspondido.

O pai da dona de seus pensares, porém, não levou o caso a bem, tanto mais que lhe transtornava velhos planos de aumento de casa, cifrados no casamento de sua filha única, com um primo de Castro Daire, homem de muitos bagos e não menores prosápias.

O povo soi dizer que o fruto proibido é o mais apetecido. Assim foi uma vez mais. A opposição feroz, que não se ficava em palavras ou ameaças vãs, antes ia ás do cabo, com esperas e tentativas de assassinio, ateou pavorosa fogueira onde havia ligeiro crepitar de fogo incipiente. Os temperamentos em choque eram por demasia assomadiços e impulsivos. Era inevitável, pois, uma catástrofe. Assim foi. Tudo acabou por Simão Botelho matar seu rival, ser prêso, entrar na relação do Porto e ir degredado para a Índia.

AMOR DE PERDIÇÃO chamou Camilo Castelo Branco ao sentimento que abraçou e dilacerou a alma de seu tio — irmão do pai — Simão António Botelho, o mesmo pequenino Simão que nasceu na Calçada e foi a pôr os santos óleos á antiga parochial de Nossa Senhora da Ajuda, extra-muros de Lisboa, por volta das dez e meia da manhã do dia 2 de Maio de 1784.

E quantos descendentes daquêles garotos que, doidos de alegria, apañaram e comeram os confeitos, que o padrinho lhes jogava ás mancheias, terão enxugado comovidas lágrimas ao lerem o drama pungentíssimo daquele que, quando minhano, deu aso á alegria descuidada de s-us avós?

Quantos?

Vá lá saber-se!...

Mário de Sampaio Ribeiro.

A Excursão a Evora

A excursão que o nosso jornal vai efectuar em auto-carro, á historica e bela cidade de Evora, tem continuado a interessar uma grande parte dos nossos leitores, interesse que se tem manifestado com novas inscrições.

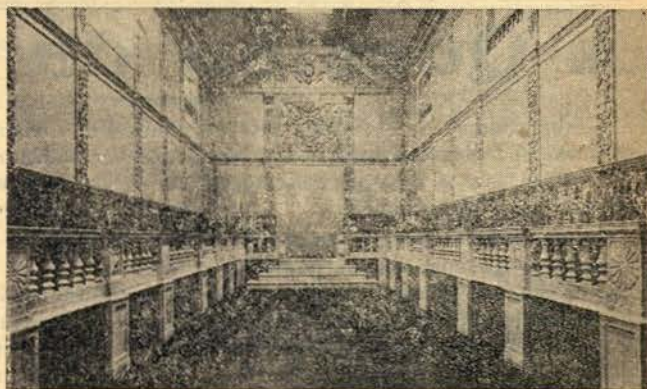
Continuando a descrever algumas das muitas belezas de Evora, transcrevemos da excelente publicação «Album Alentejano»:

«Numa cidade como Evora, de tantos e tão belos monumentos; numa cidade, que não é a cidade-museu, que muitos erradamente lhe chamam, mas sim a cidade-monumento, visto que tudo nela é beleza a admirar, desde a perspectiva sinuosa das suas ruas e praças até ao pormenor das irregularidades construtivas dos edificios; numa cidade, que é por muitos estrangeiros illustres considerada a mais típica da Península, o edificio do Liceu ocupa um lugar inconfundível.

Construído em 1559 para nele funcionar a célebre Universidade jesuítica, o Cardeal D. Henrique, seu fundador, não se poupou a

despesas para que a sua obra, realizada pelo mestre de obras Jeronimo de Tunis, não desmerecesse do alto fim a que se propunha e do ambiente de arte que sempre tem envolvido e poetisado esta nobre e antiga cidade.

As linhas harmoniosas do magestoso



Sala dos Actos da Universidade

claustro renasença; o frontespício baroco, todo de mármore artisticamente trabalhado, da antiga Sala dos Actos; a faixa preciosa de azulejos seiscentista desta mesma sala; as cátedras e portas das aulas em madeiras do Brasil; a vasta e imponente Sala dos Actos, restaurada em 1931 sob a direcção do illustre architecto António do Couto; os azulejos de painéis mitológicos e alegóricos, que no meado do século XVIII deram maior relêvo á beleza das aulas e da arcada; a fonte em forma de taça, que no meio do claustro sumptuoso lacrima mansamente pelas illusões perdidas de tantas gerações académicas; o jardim ornamental, que empresta ao conjunto uma nota de frescura e colorido; a tradição escolar tão antiga e enobrecida, tudo, enfim, dá beleza e perfume de poesia a bela fábrica, onde funcionou a Universidade até 1759, e onde funciona o Liceu de Evora desde a sua fundação, 1811.»

O cliché que ilustra esta noticia foi gentilmente cedido a «O Comércio da Ajuda» pela interessantissima publicação «Album Alentejano», de que é director o distinto jornalista Ex.^{mo} Sr. Pedro Muralha.

No próximo número, e a pedido de muitos dos nossos leitores, daremos alguns informes sobre a organização do passeio.

PENSAMENTOS E SENTENÇAS A ESMO

mas apresentados sem intenção dogmática

Por ALEXANDRE SETTAS

A mais reles taberna dum miseravel bairro está para os seus frequentadores assíduos na razão proporcional e directa do mais elegante e faustoso casino dum bairro distinto: prejudicam pela sociabilidade e inveteram hábitos perturbadores dum viver normal.

Quando se ama pensa-se e no cérebro misturam-se ideias magnificas que tocam as raias do sublime quando a que se ama é de candura extrema.

Na vida os sofrimentos são estritamente relativos e subordinados ás circunstâncias eventuais de momento. Sofre-se ás vezes com tolerância dores acerbadas e noutras occasiões não se resiste, pelo desfalecimento, a incomodos minimos.

LIBREIRO, L.^{DA}

Travessa da Boa-Hora, 22 e 2 - Ajuda

LISBOA

Géneros alimentícios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros Vinhos finos e de mesa

LICORES E TABACOS

DROGARIA SANTOS

A casa mais antiga da freguesia, e que mais barato vende:

Drogas, produtos químicos, tintas de todas as qualidades, sabonetes e perfumarias.

142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELÉM 220

SALÃO PORTUGAL - CINEMA

Travessa da Memória - Ajuda - Telef. B. 124

Sábado, 8 — **Rei morto rei posto**
(Filme policial). **Por causa dum cão**
e **Epifanio noivo infeliz**Domingo, 9 — **Festas Felizes,**
O Grande Campeão, Maridos alegres
e **Epifanio noivo infeliz**NA MATINÉE — **A Ilha Misteriosa,**
Por causa dum cão, Maridos alegres
e **O Grande Campeão**Dia 10 — **A Bela Aventura,** opereta
e **Espionagem,** aventurasDia 11 — **O Sonho Dourado**
e **A Tragedia da Mina**Dias 12 e 13 **O Rei dos Vigaristas**
e outros filmes sonorosDias 15 e 16 — **A Frente Invisível**
e **Ricardito e os Mexicanos**Dia 17 — **Grandioso Espectáculo**Dias 19 e 20 — **O Filho da Índia**
e outros filmes sonorosA SEGUIR — **Mater dolorosa, O**
Pecado de Madelon Claudet, Tarzan, o
homem macaco, A filha do Regimento,
Viagens de Nupcias, etc.De seg. feira 10 a domingo 16 — Semana
de homenagem ao C. F. «Os Belenenses»
(Campeão de Portugal), a preços popula-
res: Balcão 1.ª fila, 2\$50; Balcão, 2\$00;
1.ª Plat. 1\$50; 2.ª, 1\$00, tudo numerado.*O Salão Portugal é o mais fresco de Lisboa. Brevemente grandes acções e
abertura da época de verão com vários divertimentos ao ar livre.*

distribuição da Companhia — êsses apenas. Nesta fase, os 65.000 metros de água diários que o canal do Alviela conduz, são todos êles, necessários para o abastecimento da cidade.

Concluídas as obras da 2.ª fase, deve toda a actual cidade, com a sua superfície de perto de 8.500.000 m² (maior que a area de Paris) ser amplamente abastecida pela Companhia que dêsse abastecimento tem o exclusivo. E completada a rede de distribuição para todos os nucleos de população periféricos e a dos reservatórios de distribuição; assegurada a água para usos domésticos, e usos publicos, como hospitais, balnearios, lavadouros, regas de ruas e jardins, limpeza de esgotos, etc.; e ainda para usos industriais.

Todas estas necessidades da vida moderna e de uma cidade que pretende enfileirar entre as mais civilizadas, exigem um consumo que não pode ser inferior a 150 litros por habitante, o que dá um volume de 90.000 metros cubicos nas 24 horas.

E' absolutamente indispensável marcar o *minimo de água* que a Companhia deve fornecer à *cidade de Lisboa* nas 24 horas, concluídas que sejam as obras da 2.ª fase.

E havia exaltados que imaginavam que já este verão veriam os Estoris e Cascaes e Cintra banhar-se na água do Tejo levadas a suas casas pelo milagre do illustre ministro do Comércio e artes mágicas da Companhia! Esperem meus senhores, que devagarinho é que se vai ao longo! Aconselholhes que leiam em Pedro a fabula da lebre e da tartaruga.

As obras da 3.ª e 4.ª fase são aquelas que principalmente vão abastecer a zona de trajecto do canal e a zona suburbana até Cascaes e Cintra.

E as ricas e finas águas da Serra de Cintra, o que será feito delas? Como a Companhia não tem aqui o exclusivo, outras Empresas decerto as explorarão com proveito de todos.

E quem viver terminadas essas obras poderá contemplar um projecto que não terá provavelmente a grandeza architectural do das Aguas Livres, mas que pelos seus beneficios e grandeza suplantará todas as anteriores, e fará recordar com gratidão o nome do illustre ministro das Obras Publicas e Comunicações, engenheiro Duarte Pacheco, que o concebeu, e o daqueles que lho deram execução.

Coronel António Bivar de Sousa.

A Questão da Agua

E do caudal de 145.000 metros cubicos só poderia dispôr nesta fase de 55.000 para a zona de trajecto do canal e zona suburbana.

A quantidade de água reservada á cidade de Lisboa, é um ponto que urge fixar sem evasivas ou subtilidades. Estou certo que êste ponto merecerá a atenção da Comissão de Fiscalisação das Obras, e a ponderação da Companhia.

Também se me afigura curto o prazo para a execução das obras desta fase até ao fim do ano de 1936.

Eu que não sou homem de mesuras aqui prometo ir cumprimentar o illustre e moço professor, engenheiro Duarte Pacheco, se tiver a ventura de ver na estação canicular de 1936, a *cidade á beira mar plantada* espalhar alegre nos seus frescos e viçosos jardins e limpas avenidas; lavadinha e fresquiua, como as louras alfaces das suas hortas, que são tanto do engodo dos seus habitantes, e passado o dia de S. Silvestre, concluídas as grandiosas obras desta 2.ª fase.

Volta a questão das sanções; a prática tem mostrado que são bem necessárias, e mesmo com elas, quantas vezes se deixam de fazer, por razões de ordem diversa, as obrigações a que se obrigam as empresas.

Porque é que pode ser expropriada em 1863 pelo Duque de Loulé, a primeira Companhia das Aguas que havia feito o seu contracto em 1858? Porque êsse contracto ora preciso e lhe determinava uma quantidade minima de água a fornecer diariamente á ci-

dade de Lisboa. E nunca podendo fornecer a Empresa uma quantidade de água que se aproximasse dêsse minimo, caiu-lhe em cima a espada de Damocles que a expropriou sem apelo nem agravo!

As obras da 3.ª e 4.ª fases, iniciadas quando o consumo particular atingir respectivamente 16.000.000 e 24.000.000 de metros cubicos anuais, interessam principalmente a zona de trajecto do canal e a zona suburbana.

A primeira, terá a sua execução provavel em 1940, e a segunda trinta anos depois, não devendo o periodo de execução de qualquer exceder trez anos. O caudal a lançar no canal do Tejo é de 55.000 metros cubicos por dia na 3.ª fase, e de 50.000 metros cubicos por dia na 4.ª fase, provenientes do Albufeira do Zezere e trazidos em canais proprios até ao canal do Tejo.

Neste grandioso projecto, ainda distante, muitos detalhes há a regular, mas aí a dedicação da Comissão de Fiscalisação e a competencia da Companhia, darão as suas provas.

Mas o que se compreende é que tendo a Companhia o exclusivo do abastecimento da cidade, que pretende ser limpa, fresca e moderna, o seu principal objectivo deve ser cuidar dela em primeiro lugar.

E agora, resumindo as considerações feitas, direi:

Concluídas as obras da primeira fase, ficam beneficiados, durante a estação calmosa, os pontos da cidade onde chega a actual canalisação de

FOTOGRAFIA CINEMA

A mais perfeita execução em todo o género de fotografia

6 postais, com brinde, 15\$00
Retratos para passes desde 4\$00 a duzia

R. do Sacramento, 26, 1.º (á Pampulha)

Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGÉNIA

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

R. Mercês, 104 (Ajuda) — LISBOA Telef. B. 496